

DESCOBRINDO OS CLÁSSICOS

**A PRIMA DE
UM AMIGO MEU**
ÁLVARO CARDOSO GOMES

ea

editora ática

A prima de um amigo meu
© Álvaro Cardoso Gomes, 2006

Editora-chefe	Claudia Morales
Editor	Fabricio Waltrick
Editor assistente	Fabio Weintraub
Preparador	Agnaldo Holanda
Seção "Outros olhares"	Gilberto Martins
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Liliane Fernanda Pedroso
Estagiária	Fabiane Zorn
ARTE	
Diagramadora	Thatiana Kalaes
Edição eletrônica	Estúdio O.L.M.
Ilustrações	Luiz Gê
Ilustração de Eça de Queirós	Samuel Casal
Pesquisa iconográfica	Silvio Kligin

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G612p

2. ed.

Gomes, Álvaro Cardoso, 1944-

A prima de um amigo meu / Álvaro Cardoso Gomes. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2006. (Descobrimos os Clássicos)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978 85 08 12033-8

1. Ficção brasileira. I. Queirós, Eça de, 1845-1900. O primo Basílio. II. Título. III. Série.

05-3795.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 12033-8 (aluno)
ISBN 978 85 08 12034-5 (professor)

CAE:241769 AL

2014

2ª edição

5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2006
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02909-900 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@atica.com.br
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



ILUSÃO E CONHECIMENTO

É sempre muito enigmática a relação que se estabelece entre um texto e seus possíveis leitores. Ambígua por sua própria natureza, pela mistura entre percepção e fantasia, a leitura pode tanto nos levar à negação da realidade e ao esquecimento de si como, em sentido contrário, propiciar-nos uma série de descobertas acerca de quem somos e de como funciona o mundo à nossa volta. Dependendo da natureza do texto e da atitude do leitor, a leitura pode constituir uma via de conhecimento ou um instrumento de alienação e autoengano.

Aqui você encontrará dois belos exemplos desse duplo papel da leitura, representado por modelos opostos de leitor. Primeiramente, conhecerá Renato, espécie de Dom Juan em crise, empenhado na conquista de uma garota um pouco diferente daquelas com quem costuma se envolver. A eleita atende pelo nome de Maria Luísa, prima de Felipe, seu melhor amigo. Para seduzi-la, Renato não poderá contar apenas com seu charme, já que Maria Luísa é do tipo cê-dê-efe e não se liga em conversa furada. Sua única chance é se revelar um aluno estudioso, aplicando-se na leitura de *O primo Basílio*, de Eça de Queirós, um dos romances adotados pelo colégio naquele bimestre.

E é justamente no romance de Eça que vamos encontrar um segundo modelo de leitor, para quem os livros não

oferecem senão ilusões. Trata-se de Luísa, bela jovem pertencente à burguesia lisboeta, que gasta as tardes tediosas lendo romances açucarados e escutando as aventuras eróticas de sua amiga Leopoldina. Fútil e ingênua, impelida pela mais pura fantasia, Luísa, mulher casada, cairá nas graças de um primo sedutor, o tal Basílio, com quem terá um caso amoroso de trágicas consequências (cujos detalhes você descobrirá a seguir).

Assim, ao par adolescente Renato-Maria Luísa, vai se contrapor o par queirosiano Luísa-Basílio. Contraposição entre um amor estéril e vazio, que acarreta a destruição de Luísa, e uma aprendizagem amorosa, que faz de Renato um homem melhor. Unindo esses dois personagens, diferentes sob tantos aspectos, o interesse comum pela leitura: evasão fatal para um, fonte de ensinamentos para o outro.

Os editores

Os trechos de *O primo Basílio* que constam de *A prima de um amigo meu* foram retirados da edição publicada pela Ática na série Bom Livro (22ª edição, 9ª reimpressão, 2004).

SUMÁRIO

1	Um livro muito chato?.....	9
2	Um garoto chamado Renato	15
3	Mas que gata!.....	18
4	Mais uma conquista.....	20
5	Que grude!.....	24
6	Garota nova na escola	28
7	Uma cê-dê-efe?	32
8	Começando a gamar	34
9	Na fossa	38
10	Um trabalho em grupo	42
11	Frustração	45
12	Um amor de cunhada.....	48
13	Pedido de socorro	52
14	Voltando à leitura	57
15	O primeiro papo com Alice.....	62
16	Uma doença inoportuna.....	73

17	Balada	81
18	Loiras	84
19	Em casa de Maria Luísa	90
20	O coração de Maria Luísa	95
21	Alice, cadê você?!	98
22	Uma firme decisão.....	102
23	Sem rumo.....	110
24	Plano de ação	112
25	Um luau, outras leituras	120
26	Mais um papo com a cunhada	125
27	Cada um na sua	128
28	Preparando o seminário.....	132
29	Nem heróis nem vilões	136
30	O grande dia	143
31	O seminário.....	146
32	Sucesso em equipe	153
33	E quem não gosta de final feliz?	158
	Outros olhares sobre <i>O primo Basílio</i>.....	161



Para a Eliane, com amor.



• 1 •

.....
Um livro muito chato?
.....

Ao pegar *O primo Basílio* para ler, a primeira coisa que Renato fez foi olhar a grossura do livro. Tinha exatamente 326 páginas! Sem contar que as letras eram bem pequenas. Calculou, então, com desânimo, que demoraria um tempo enorme para ler o romance. Ainda mais se a história fosse algo do tipo que ele achasse muito chato.

Para piorar, naquela tarde fazia um calor danado. O sol batia de chapa no grande vitrô da sala.

“Como eu preferia estar agora à beira de uma piscina, batendo papo com uma garota!” Mas não, lá estava ele com o livro nas mãos, sem ânimo nenhum para começar a ler.

Com um suspiro de resignação, Renato se ajeitou o melhor que pôde no sofá, deitando-se de comprido e apoiando a cabeça no encosto. Em seguida, munindo-se de toda paciência, começou a ler:

Tinham dado onze horas no cuco da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luís Figuiet¹ que estivera folheando

¹ Luís Figuiet (1819-1894), médico e escritor francês, autor de livros de ciências e história ao alcance do grande público.

devagar, estirado na velha voltaire² de marroquim³ escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

— Tu não te vais vestir, Luísa?

— Logo.

Ficara sentada à mesa a ler o Diário de Notícias, no seu roupão de manhã de fazenda preta, bordado a soutache⁴, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates.

Tinham acabado de almoçar.

A sala esteirada alegrava, com o seu teto de madeira pintado a branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo; fazia um grande calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças, esquentar a pedra da varanda; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa; uma vaga quebreira amolentava, trazia desejos de sestras, ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo, ao pé da água; nas duas gaiolas, entre as bambinelas⁵ de cretone azulado, os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da

² Em francês, grande cadeira de pernas curtas e encosto bastante elevado.

³ Couro de cabra ou de bode, granulado, usado na fabricação de calçados ou para revestir poltronas e sofás.

⁴ Em francês, trancinhas de seda, lã ou algodão com que se enfeitam peças de vestuário.

⁵ Cortina com franjas e galões, divididas em duas partes.

mesa, pousava no fundo das chávenas sobre o açúcar mal derretido, enchia toda a sala de um rumor dormente.

Jorge enrolou um cigarro, e muito repousado, muito fresco na sua camisa de chita, sem colete, o jaquetão de flanela azul aberto, os olhos no teto, pôs-se a pensar na sua jornada ao Alentejo⁶. Era engenheiro de minas, no dia seguinte devia partir para Beja, para Évora, mais para o sul até S. Domingos; e aquela jornada, em julho, contrariava-o como uma interrupção, afligia-o como uma injustiça. Que maçada por um verão daqueles! Ir dias e dias sacudido pelo chouto⁷ de um cavalo de aluguel, por esses descampados do Alentejo que não acabam nunca, cobertos de um rastolho⁸ escuro, abafados num sol baço, onde os moscardos zumbem! Dormir nos montados, em quartos que cheiram a tijolo cozido, ouvindo em redor, na escuridão da noite tórrida, grunhir as varas dos porcos! A todo momento sentir entrar pelas janelas, passar no ar o bafo quente das queimadas! E só!

Tinha estado até então no ministério, em comissão. Era a primeira vez que se separava de Luísa; e perdia-se já em saudades daquela salinha, que ele mesmo ajudara a forrar de papel novo nas vésperas do seu casamento, e onde, depois das felicidades da noite, os seus almoços se prolongavam em tão suaves preguiças!

Nem bem tinha lido pouco mais de uma página, Renato deu outro suspiro e exclamou:

— Pô! Que pé no saco!

⁶ Região do sul de Portugal, caracterizada pela aridez e pelo calor.

⁷ Trote lento e muito incômodo de um cavalo ou outra montaria.

⁸ O mesmo que restolho, palha que sobra da colheita.

Essa explosão de mau humor de Renato se explicava, pois ele havia se aborrecido com o modo de o autor narrar. O fato era que Eça de Queirós começava o romance desprezando a ação, o movimento, e apresentando uma simples e monótona cena doméstica. Num estilo lento, minucioso, descrevia o cotidiano de um casal logo após o almoço: o marido, Jorge, lia um livro, enquanto a mulher, Luísa, um jornal.

E, em vez de entrar logo na história, o autor descrevia a mulher, utilizando-se de um excesso de detalhes: a cor do cabelo e da pele, o feitio do rosto, o tipo de tecido do vestido. Depois, em dois grandes parágrafos, descrevia a sala, falava do calor de julho e do desgosto do marido, que ia viajar para uma região de Portugal de que Renato nunca tinha ouvido falar e que, para sua imaginação, devia ser longe e quente para diabo.

“Puxa vida”, pensou Renato. “Por que o Eça de Queirós não vai direto ao assunto, em vez de ficar descrevendo, descrevendo?” Contrariado, ele pôs o livro de lado, fechou os olhos, bocejou e, durante alguns momentos, deixou a cabeça vagabundear.

De imediato, veio-lhe à mente a imagem de Maria Luísa: uns cabelos loiros, curtos, olhos castanhos, atrás dos óculos, a pele clara, acetinada, e duas covinhas, muito engraçadas, uma em cada lado da face. Ela era do tipo *mignon*, com um corpinho delicioso, além de um sorriso que deixava qualquer um desarmado, ele concluiu.

Um ar de felicidade desenhou-se no rosto de Renato, enquanto ele ia recordando outros detalhes interessantes da garota: o jeito de ela andar, de falar... Mas, não demorou muito, ele voltou a fechar a cara, quando lembrou que era por causa dela que tinha de ler o livro.

Como se tivesse se resignado com esse fato, Renato abriu novamente *O primo Basílio* e continuou a leitura. Para seu desgosto, chegou à conclusão de que a história, em vez de melhorar, ia piorando. Isso porque vinham mais e mais descrições.

Primeiro, a de Jorge, que, segundo o narrador, tinha a “barba curta e fina, muito frisada”; depois, a dos móveis e objetos de decoração da sala, item por item.

Não bastasse isso, Eça de Queirós descrevia o pai de Jorge, que “tinha a fisionomia redonda, o olho luzidio, o beijo sensual”; e a mãe, de nome Isaura: “era uma senhora alta, de nariz afilado, muito apreensiva; bebia ao jantar água quente; e ao voltar um dia do lausperene da Graça, morreu de repente, sem um ai!”.

— “Lausperene”?! — bradou Renato. — Que droga é essa?

É bem verdade que, nas páginas anteriores, ele já se deparara com palavras complicadas e, aqui e ali, o nome de um escritor desconhecido. Mas como era possível entender o sentido de tudo, nem se dera ao trabalho de ler as notas de rodapé ou mesmo de consultar um dicionário.

Mas agora precisava saber o que era “lausperene”. Desceu os olhos até a nota e leu: “Exposição do Santíssimo Sacramento aos fiéis numa capela”.

— Ah, então a velha bateu as botas voltando da igreja... — disse, balançando a cabeça, e depois completou, como que desabafando: — Pô, Eça, você tinha que usar a palavra “lausperene” só pra me encher o saco, né?

Voltou a ler, mas, quando o narrador começou a falar do passado de Jorge, foi aí que Renato embatucou de vez, pois vinha uma enfiada de palavras estrangeiras, de nomes de escritores de que ele nunca tinha ouvido falar. Ficara sabendo

então que Jorge tinha herdado o gênio da mãe e que, por isso mesmo, era um homem caseiro, bem diferente dos colegas de escola:

De sua mãe herdara a placidez, o gênio manso. Quando era estudante na Politécnica, às oito horas recolhia-se, acendia o seu candeeiro de latão, abria os seus compêndios. Não frequentava botequins, nem fazia noitadas. [...] Ele nunca fora sentimental; os seus condiscípulos, que liam Alfred de Musset suspirando e desejando ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe proseirão, burguês; Jorge ria; não lhe faltava um botão nas camisas; era muito escarolado; admirava Luís Figuiier, Bastiat e Castilho, tinha horror a dívidas, e sentia-se feliz.⁹

Realmente, aquele Eça de Queirós era um pé no saco, ele pensou.

Cheio de tudo aquilo, Renato jogou o livro no chão e ficou curtindo sua raiva. Por fim, se levantou e disse, irritado:

— Maria Luísa, quer saber de uma coisa? Vai te catar!

⁹ Alfred de Musset (1810-1857), poeta francês romântico, autor de *Os caprichos de Marianne*, *A confissão de um filho do século* etc.; Margarida Gautier, personagem de *A dama das camélias*, romance romântico do escritor francês Alexandre Dumas Filho (1824-1895); *escarolado*: asseado; Claude Frédéric Bastiat (1801-1850), economista francês; Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875), poeta romântico português, autor de *A noite do castelo*, *Os ciúmes do bardo* etc.



• 2 •

.....
Um garoto chamado Renato
.....

A esta altura, meu caro leitor, você deve estar intrigado com algumas questões. Entre elas, as seguintes: quem é essa tal Maria Luísa? Por que o Renato tinha que ler *O primo Basílio* por causa dela?

Que Maria Luísa seria professora dele, é muito improvável... Mas acredito que, antes de responder a essas questões, o melhor seria falar um pouco de nosso herói. Só assim será possível saber quem era Maria Luísa, como ele a conheceu e por que começou a ler o romance de Eça de Queirós por causa dela.

Renato é um garotão de dezesseis anos, alto e forte, que mora no bairro do Tatuapé. Se alguém prestar atenção só em seu físico, pensará que ele é um pouquinho mais velho, mas, se olhar em seus olhos e ouvi-lo falar, perceberá que é ainda um criançação. É daí talvez que venha o seu charme. Impossível não gostar dele logo à primeira vista.

Muito amigo de seus amigos, praticante de esportes — futebol de salão, basquete, vôlei, surfe etc. —, divertido, sensível, dá a impressão de sempre estar cem por cento de bem com a vida. Mas pensar assim é um engano: de vez em quando, ele não sabe o que quer. À toa, à toa, fica descontente con-

sigo próprio e, quando isso acontece, sente-se a pior pessoa do mundo. Ou seja: é muito fácil sua autoestima entrar em baixa. Aí, só lhe resta procurar Alice. Alice? Quem é Alice? Alice é casada com seu irmão mais velho, o Alberto. Portanto, sua cunhada, a quem ele adora e a quem confia todos os sentimentos.

Pois bem, o grande problema na vida de Renato era o seguinte: apresentava uma face para as pessoas, mas escondia, mais ou menos secretamente, uma outra face diferente. Não que fosse falso ou hipócrita, mas acontece que, na maioria das vezes, se deixava levar pela onda (como muitas vezes acontece com os adolescentes).

Vem daí que nem sempre fazia o que realmente desejava ou pensava, porque, de costume, fazia aquilo que agradava à “galera”. Principalmente quando o assunto era o amor.

E o que mais era comum entre os da “galera”, no que diz respeito ao amor? Como a maior parte de seus amigos e colegas, Renato tinha um comportamento bastante superficial com as garotas. Ficava com uma, ficava com outra — mas sempre sem compromisso. Coisa mais comum era vê-lo numa festa com uma bela garota e, no dia seguinte, encontrá-lo num barzinho com outra.

Como era boa-pinta, bom papo etc., não tinha dificuldade em conseguir a “mina” que quisesse. Costumava chegar numa garota desconhecida que o atraísse e dizer, muito à vontade:

— Oi, gata, de onde te conheço?

Mesmo que ela dissesse, meio malcriada, que “de lugar nenhum”, ele não se acanhava, ia em frente, deixando a conversa correr, falando sem parar. A tática parecia infalível. Logo, pegava o telefone da garota, combinava um encontro numa balada, num barzinho, num *show*. E lá estava ele de garota nova. E a nova, invariavelmente, mais bonita que a anterior.